

# A mulher negra heroína: análise do cordel *Maria Felipa*

*Black women as heroines: an analysis of the cordel literature named Maria Felipa*

Eduardo Prachedes QUEIROZ

Universidade de São Paulo  
pprachedes@gmail.com



**Resumo:** Neste artigo, examinamos a constituição temática e figurativa de mulheres negras no texto *Maria Felipa*, um dos cordéis que compõem o livro de Jarid Arraes denominado *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2020). Com a análise de tal texto, temos o propósito de compreender e evidenciar tanto o processo como o resultado da construção da imagem dessas mulheres negras, comparando os resultados encontrados a partir do exame com estereótipos comuns na representação das mulheres em parte das produções culturais brasileiras. Para a análise, servimo-nos do ferramental da Semiótica Discursiva para explorar questões relacionadas à narratividade e à discursividade no texto de Arraes, utilizando conceitos como os de isotopia, sujeito e objeto (Greimas; Courtés, 2016). Percebem-se, no cordel analisado, figuras como as guerreiras, as lutadoras e o fogo ateadado a embarcações que, junto de temas como o da batalha e o da liderança, ressaltam a heroicidade das mulheres negras. Também são notadas estratégias narrativas que destacam sua agência e protagonismo, como a ocupação do papel actancial de sujeito e a sanção positiva sobre Maria Felipa.

**Palavras-chave:** mulheres negras; Semiótica Discursiva; cordel; Maria Felipa; raça.

**Abstract:** In this study, we examine the thematic and figurative composition of black women in *Maria Felipa*, one of the cordel texts that form Jarid Arraes's book named *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* (2020). Through the analysis of such text, we aim at comprehending and demonstrating the process and the result of the construction of these black women's images, comparing the results obtained from the investigation with stereotypes that are common in the representation of black women in part of Brazilian cultural productions. To carry out the analysis, we make use of the French Semiotics, with the purposes of exploring the matters related to the Narrativity and discursivity in Arraes's text, using concepts such as

isotopy, subject and object (Greimas & Courtés, 2016). In the piece of cordel literature under analysis, there are figures such as the female war-riors, the female combatants, and the vessels set on fire, which, together with themes like the battle and the leadership, emphasize the heroism of black women. We also note narrative strategies that underline their agency and protagonism, such as the actantial role of Subject occupied by Maria Felipa, as well as the positive sanction about her.

**Keywords:** black women; French Semiotics; cordel literature; Maria Felipa; race.

## 1 INTRODUÇÃO

Mulheres negras são comumente representadas de maneira estereotipada em produções culturais brasileiras, tais como canções, telenovelas e literatura, conforme indicado em pesquisas como as de Queiroz Júnior (1975), Araújo (2008) e Da Silva e Rosemberg (2018, p. 73-117). Nessas produções, percebe-se certos determinismos pautados em questões de raça e de gênero que relegam essas mulheres a posições predominantemente passivas e objetais. No entanto, não se deve deixar de notar que esse discurso sobre as mulheres negras é apenas um discurso dentre os existentes. Isso fica evidente ao nos voltarmos para produções culturais como *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis* (2020), de autoria de Jarid Arraes, obra que destoa dessa visão de mundo comumente reconhecida, comentada e reproduzida, e que proporciona uma perspectiva em que as mulheres negras são sujeitos de suas próprias histórias.

É dessa obra de Jarid Arraes que retiramos o objeto de nossa análise, o cordel denominado *Maria Felipa*. Interessa-nos, no presente trabalho, compreender e evidenciar como se dá o processo de construção temática e figurativa das mulheres negras em tal cordel, assim como mostrar os resultados das estratégias empregadas nessa construção. Está incluído em nossos interesses, ademais, destacar as principais diferenças entre as mulheres negras desse cordel com relação a mulheres negras concebidas de forma estereotipada em outras produções culturais brasileiras.

Assim como é corriqueiro deparar-nos com textos que constroem imagens negativas de mulheres negras, é também comum entrar em contato com pesquisas que se debruçam sobre os textos dessa natureza. Em paralelo, faz-se relevante destacar não só a necessidade da existência de produções culturais em que essas mulheres são representadas de maneira a fugir desse problemático lugar-comum, mas também de pesquisas que investiguem tais produções culturais. É neste contexto que o presente artigo é desenvolvido.

Para viabilizar a análise do cordel de Arraes, lançamos mão do aparato conceitual da Semiótica Discursiva, sobretudo com relação a duas perspectivas. Na primeira, a perspectiva discursiva, interessam-nos os temas e as figuras que compõem o universo das mulheres negras retratadas. Examinamos as *isotopias temáticas* e as *isotopias figurativas* (Greimas; Courtés, 2016) com vistas a apreender os efeitos de sentido resultantes das recorrências semânticas tanto de ordem mais abstrata como de ordem mais concreta. Na segunda perspectiva, a narrativa, fazemos uso de conceitos como o de *sanção*, *sujeito*, *objeto*, *adjuvante*, *antissujeito* e *oponente*

(Greimas; Courtés, 2016), os quais nos ajudarão a melhor entender como se dá a agência, o protagonismo e o caráter de coadjuvante das mulheres negras de *Maria Felipa*.

Embora a literatura de cordel impressa seja muito frequentemente acompanhada de xilogravuras, vamos nos limitar, no presente trabalho, a uma análise de seu segmento verbal, deixando de lado as ilustrações que se apresentam junto dele. Tampouco entram no escopo de nossa análise as questões relativas ao plano de expressão do segmento verbal, tais como as rimas e a estrutura em sextilhas, também bastante características dos cordéis.

Ao analisar o cordel com o ferramental teórico da Semiótica Discursiva, ficará evidente que temas e figuras que compõem o universo da batalha, da liderança e do trabalho são empregados de maneira a delinear e ressaltar a heroicidade de Maria Felipa. Temas como o da sensualidade e o da pobreza aparecem de maneira breve no cordel analisado, ao passo que são largamente explorados em outras produções culturais. Diferentemente das mulheres negras comumente retratadas, nota-se que Maria Felipa é caracterizada por uma combinação de agência e protagonismo, traços que aumentam a carga de sua heroicidade, que é reforçada ainda pela superação de adversidades em seu percurso. Ademais, essa heroicidade é corroborada por efeitos das sanções registradas no texto.

Inicialmente, dedicaremos uma porção do artigo a apresentar brevemente Jarid Arraes, a autora do cordel que analisamos, e Maria Felipa, cuja história é ali narrada. Em seguida, passamos a uma seção consagrada a tratar dos diversos temas e figuras em *Maria Felipa*, para tratarmos, adiante, dos aspectos narrativos da obra, chegando, por fim, à seção em que examinamos os efeitos das sanções feitas pela narradora.

## 2 SOBRE JARID ARRAES E MARIA FELIPA

Nascida em Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará, Jarid Arraes é escritora, cordelista e poeta, autora de livros como *Um buraco com meu nome*, que marca sua estreia na poesia, lançado em 2018 pelo selo Ferina da editora Pólen, e de *Redemoinho em dia quente*, premiado livro de contos lançado em 2019 pela Alfaguara — Companhia das Letras. Dentre outras obras literárias, é também a autora de *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis* (2020), livro de onde tiramos o objeto de nosso trabalho e que tem como intuito declarado no texto de sua orelha o de “contar histórias que tentaram apagar”. Como o título anuncia, essas histórias são contadas em quinze cordéis, cada um deles dedicado a narrar os feitos da mulher negra

que empresta nome ao cordel. Dentre essa quinzena de histórias está *Maria Felipa*, cordel que nos serve de objeto de análise.

Conforme nos explica Jarid Arraes (2020, p. 103), Maria Felipa de Oliveira foi uma mulher nascida em Itaparica, no Estado da Bahia, no início do século XIX. Participou da luta pela independência de seu Estado, liderando mais de duzentas pessoas. Junto de suas companheiras e seus companheiros de batalha, Maria Felipa queimou pelo menos quarenta embarcações portuguesas que atacavam a ilha de Itaparica. Sabemos mais sobre a heroína ao analisarmos os temas e as figuras atrelados a ela.

### 3 DOS TEMAS E FIGURAS EM MARIA FELIPA

No cordel dedicado à história de Maria Felipa de Oliveira, percebemos mais de um tema aparecendo de maneira recorrente. Trataremos, em primeiro lugar, do tema da batalha. Para o reconhecimento da importância desse e de outros temas, lançamos mão do conceito de isotopia, termo emprestado da Física e que é empregado semioticamente pela primeira vez no livro *Semântica Estrutural* de Algirdas Julien Greimas (1973). O uso do conceito de isotopia se mostra produtivo para quem deseja não se afastar demais do texto ao interpretá-lo, visto que “[a]dotar a isotopia como instrumento de análise implica acatar certa disciplina no ato da interpretação” (Leite, 2009, p. 126).

Definido por Greimas e Courtés no *Dicionário de Semiótica* “como a recorrência de categorias sêmicas” (2016, p. 276), o conceito de isotopia permite explicar a coerência semântica interna do texto, uma vez que essa coerência é reconhecida justamente pelas recorrências de unidades mínimas de significação que asseguram uma ou mais linhas de leitura de um discurso. Essas isotopias podem ser de ordem temática ou figurativa. No primeiro caso, o das isotopias temáticas, tem-se maior nível de abstração, sendo elas identificadas por meio da redundância de traços abstratos que garantem a coerência de um certo tema. A camada temática de um discurso pode ser recoberta por uma camada figurativa, e se em tal camada for possível reconhecer uma redundância de certos traços figurativos, ou seja, de traços mais concretos e cuja significação tem relação com um ou mais de nossos cinco sentidos — visão, audição, tato, olfato e gustação —, tem-se uma isotopia figurativa.

Voltando o olhar para o cordel *Maria Felipa*, verificamos a existência da *isotopia da batalha*, cuja primeira ocorrência é encontrada na terceira estrofe, no momento em que Maria Felipa é chamada de guerreira e faz-se menção a uma luta por ela travada:

Cito a Maria Felipa  
Exemplar essa guerreira  
Natural de Itaparica  
Foi na ilha marisqueira  
E lutou tão bravamente  
Liderando na trincheira.  
(Arraes, 2020, p. 97).

Junto dos lexemas “guerreira” e “lutou”, também a figura da “trincheira” é colocada em discurso no trecho citado, reforçando essa isotopia da batalha. A partir dessa estrofe — e ao longo de todo o cordel — é possível encontrar reiteraões bastante evidentes dessa isotopia devido aos lexemas de que se vale. É o caso de “pelejadora” na quarta estrofe, “comando” e “batalha” na quinta; “guerreiras” e “inimigas” na sétima; “armadilha” na nona; “armadura” na décima primeira; “guerra” e “conflitos” na décima quinta; “baluarte” e “lutadoras” na vigésima quarta; e “batalha travada” na vigésima quinta (e última) estrofe.

Ao elencar esses lexemas, percebemos que a *isotopia temática da batalha* é parcialmente recoberta por uma camada figurativa, mais concreta. A iteração desses traços figurativos forma também uma *isotopia figurativa da batalha*. Essa isotopia figurativo-temática encontra novas ocorrências de iteração em figuras percebidas ao longo do texto e que exemplificamos com a estrofe de número 7:

Reunidas as guerreiras  
Por Felipa lideradas  
Colocaram fogo alto  
Nas embarcações chegadas  
E que eram inimigas  
Da gente mobilizada.  
(Arraes, 2020, p. 98)

Como se nota nesse trecho, a isotopia da batalha costura no discurso figuras como a das guerreiras lideradas por Maria Felipa, do fogo ateadado às embarcações e da gente mobilizada. Essa estrofe traz ainda outra isotopia muito ligada à imagem de Maria Felipa e de extrema importância para a sua constituição enquanto heroína, a saber, a *isotopia da liderança*. A exemplo do que se percebe a respeito da linha isotópica da batalha, também a liderança é constantemente reiterada ao longo do cordel, o que se atesta pelas seguintes expressões encontradas no texto: “liderando na trincheira”, “assumiu o comando”, “as mulheres liderou”, “líder sem igual”, “se guiavam” e “líder dessa independência”. Assim, nos damos conta de que a imagem que se constrói de Maria Felipa não é a de uma simples guerreira, mas a de uma guerreira-líder.

O trecho do cordel que se segue à estrofe citada acima é também importante para a constituição desse caráter de guerreira-líder. Após atearem fogo às embarcações, as mulheres lideradas por Felipa preparam uma armadilha para os portugueses. Vejamos o que dizem as estrofes nona e décima:

As mulheres reunidas  
E dotadas de esperteza  
Prepararam uma armadilha  
Com o engano da beleza  
Seduziram os portugueses  
Bem sabidas com destreza.

Seduzidos e animados  
Eles foram enganados  
Já estavam até sem roupa  
Quando foram espancados  
Com galhos de cansação  
Acabaram bem surrados.  
(Arraes, 2020, p. 99)

Dotadas de esperteza, as mulheres se valem da sedução como tática para mais uma etapa vitoriosa do conflito contra os inimigos, ludibriando os portugueses para surrá-los com *cansação*, planta que provoca queimaduras. Assim, embora o tema da sedução apareça como pano de fundo, o que se tem no trecho é muito mais uma valorização da capacidade estratégica dessas mulheres — sobretudo a de sua líder — do que uma valorização de seus atributos sexuais. Dito de outro modo, a sedução aparece como um subtema subordinado ao tema da batalha.

Para melhor iluminarmos o tema da sedução, compararemos o que notamos em *Maria Felipa* e em outras produções culturais brasileiras. Em todos os casos a que nos referimos, a sedução/sensualidade guarda relação com mulheres negras. A sensualidade atrelada à mulher negra no contexto brasileiro já foi indicada por diversas vezes e por pesquisadoras e pesquisadores de reconhecida contribuição para os estudos raciais. Lélia Gonzalez, por exemplo, afirma que uma das facetas que a sociedade atribui à mulher negra brasileira é a da *mulata*, cujo elemento caracterizador, de acordo com essa mesma sociedade, não é a mestiçagem, mas a sensualidade. Gonzalez destaca ainda que é justamente no carnaval que “a mulher negra se transforma única e exclusivamente na rainha, na ‘mulata deusa do meu samba’” (2020, p. 80). Não à toa, inúmeras marchinhas de carnaval reafirmam essa sensualidade vinculada à *mulata*, como nos mostra Teófilo de Queiroz Júnior em seu *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira* (1975).

No mesmo livro, Queiroz Júnior mostra a existência dessa sensualidade atribuída à mulher negra — na condição de *mulata* — em diversas obras literárias. Em *O Cortiço* (2016), uma das obras mencionadas pelo autor, podemos tomar a personagem Rita Baiana como exemplo. Sua sensualidade é construída ao longo do romance, com reiteraões semânticas que formam isotopias temáticas e figurativas que funcionam de forma a brindar-lhe “uma sensualidade que é constantemente reafirmada e exacerbada, culminando em uma hipersexualização da personagem, reconhecida quase que exclusivamente por seu poder de sedução através do corpo” (Queiroz, 2021, p. 156). Assim, em *O Cortiço*, percebemos que a sensualidade da mulher negra é abordada de maneira duradoura, formando uma longa isotopia, enquanto em *Maria Felipa* essa sensualidade é pontualmente mostrada, sem formar, portanto, uma grande isotopia. Aparece, em vez disso, como uma espécie de competência usada para o alcance de um objetivo maior, a superação de seus inimigos.

Outros temas aparecem atrelados a Felipa de maneira pontual, como o da pobreza e o do trabalho, percebidos nas estrofes 18<sup>a</sup> e 19<sup>a</sup>:

Ela era negra e pobre  
E morava no Convento  
Casarão assim chamado  
Porque nesse embasamento  
Só morava ali a gente  
Que só possuía o vento.

Mas se não tinha dinheiro  
Era então trabalhadora  
Corajosa e imponente  
Grandemente inspiradora  
Tinha a pura vocação  
De nos ser libertadora.  
(Arraes, 2020, p. 100-101)

A mulher é caracterizada como pobre, moradora de um lugar habitado apenas por quem nada possuía além do vento. Não tinha posses, mas era trabalhadora, rasgo de caráter que é destacado também no início do cordel, em sua 4<sup>a</sup> estrofe, quando são empregados os adjetivos “trabalhadora” e “pelejadora” para descrevê-la. Em *Maria Felipa*, esses temas da *pobreza* e do *trabalho* são abordados de maneira breve, compondo a personagem e o seu entorno sem que formem grandes isotopias. Nota-se grande contraste entre o que aparece no cordel em exame e em outras produções culturais. Nelas, há um insistente tratamento desses temas vinculados à mulher negra em uma extensa isotopia, estando muitas vezes subordinados a outros temas, como o da escravidão ou o da servidão. Esses temas são frequentemente condensados na figura das *domésticas*, que “são

justamente a continuidade, enquanto forma de vida, dos escravos domésticos”, como afirma Schwartzmann (2021, p. 235) ao refletir semioticamente sobre a doméstica como a síntese do racismo brasileiro.

Na mesma direção, Joel Zito Araújo, em estudo interessado na representação do negro na dramaturgia brasileira, constata que até os anos 1960, nas telenovelas, “a mulher negra era representada regularmente como escrava e empregada doméstica” (2008, p. 980). De modo similar, Silva e Rosemberg destacam, usando como base o resultado de diversos estudos, que “um estereótipo que foi lugar-comum nos estudos [...] foi a mulher negra sendo retratada, quase com exclusividade, como empregada doméstica” (2018, p. 102). A persistente presença dessa estereotipia atrelada às mulheres negras, assim como acontece com o estereótipo da *mulata*, não surpreende: se seguimos o pensamento de Lélia Gonzalez, constatamos que “o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica” e compreendemos que “os termos ‘mulata’ e ‘doméstica’ são atribuições de um mesmo sujeito” (2020, p. 80).

As reflexões de Lélia Gonzalez sobre a mulher negra na sociedade brasileira, embora feitas quase um século depois, encontram uma eficiente amostra no romance *O Cortiço*, cuja primeira publicação data de 1890. Como mostramos em nossa dissertação de mestrado (Queiroz, 2021), enquanto Rita Baiana se aproxima muito do estereótipo da *mulata*, a compatibilidade de Bertoleza com o estereótipo da *doméstica* não é menor. Essa personagem pode nos servir, pois, como material para cotejo com Maria Felipa. Se para Bertoleza a pobreza é constantemente reiterada e jamais superada, em Felipa ela aparece muito pontualmente, como uma espécie de empecilho que não é capaz de evitar o seu sucesso nas batalhas pela libertação. Também o trabalho constitui uma duradoura isotopia conectada à figura de Bertoleza desde a sua primeira aparição no romance até a sua morte, sendo a força de trabalho a única característica que lhe atribui algum valor durante certa porção do romance. Já para Felipa, o caráter de trabalhadora é mencionado de maneira pontual e apresentado como um impulsionador da suplantação de dificuldades.

Assim, enquanto n’*O Cortiço* — e em grande fatia das produções culturais brasileiras — a mulher negra fica restrita aos papéis de *mulata sensual* ou de *serviçal*, no texto de Jarid Arraes ela ganha traços que cobrem uma ampla gama de atributos, superando os limitantes estereótipos<sup>1</sup>. Nas

<sup>1</sup> De maneira alguma ignoramos que a presença de temas como o do trabalho doméstico e braçal seja legítima e verossímil na composição de personagens negras, sobretudo tendo em vista o histórico de escravização e subjugação de pessoas negras e a imagem que é a elas atribuída no imaginário social brasileiro. Tampouco defendemos que o caminho para superar essa estereotipia seja ignorar esses temas – o que, aliás, Arraes não promove em seu texto. Há, entretanto, diferentes

estrofes 18<sup>a</sup> e 19<sup>a</sup> citadas mais acima, por exemplo, Felipa é destacada como corajosa, imponente e capaz de proporcionar a seu povo a libertação. Também na 12<sup>a</sup> estrofe, são utilizados adjetivos que engrandecem sua imagem, e a mulher é descrita como uma líder que “com muita inteligência/ Fez de si fenomenal.” (Arraes, 2020, p. 99). Como já é possível notar, os traços de Felipa recebem uma atribuição positiva e são bastante diversos: é lembrada quanto às suas habilidades estratégicas na batalha, por sua capacidade de liderança, por sua inteligência, coragem e imponência, por sua aplicação ao trabalho e por sua vocação para a libertação de seu povo.

Toda essa diversidade de elementos se junta na construção de sua /heroicidade/, característica que é também o grande tema do cordel. Assim, essa *isotopia temática da heroicidade*, muito atrelada à figura de Maria Felipa, vai subsumir os demais temas presentes no cordel e encontrar ocorrências e reforços também em outros elementos, tal como o uso do lexema “heroína”, percebido em três diferentes ocasiões, duas delas correspondendo estritamente a Maria Felipa, e, em outra, tratando-se das mulheres negras de maneira geral. Outra estratégia empregada para a consolidação de Maria Felipa como uma heroína é a sua elevação a exemplo para outras pessoas, o que se faz logo no princípio do cordel, como notamos na terceira e na quarta estrofes, respectivamente: “Cito a Maria Felipa / Exemplar essa guerreira” e “Um exemplo irreparável / De mulher pelejadora”. (Arraes, 2020, p. 97-98), sendo também apontada como uma inspiração no terço final do texto, como vemos nas estrofes 19<sup>a</sup>, 21<sup>a</sup> e 22<sup>a</sup>:

Mas se não tinha dinheiro  
Era então trabalhadora  
Corajosa e imponente  
Grandemente inspiradora  
Tinha a pura vocação  
De nos ser libertadora.

[...]  
Há quem diga sem acanhado  
Que ela foi inspiração  
Para a Maria da Fé  
Dum livro sobre a nação  
Viva o povo brasileiro  
É sua intitulação.

Heroína negra e forte  
Líder dessa independência

---

maneiras de abordá-los. Como podemos ver em obras como *Solitária* (2022), de autoria de Eliana Alves Cruz, é possível concentrar-se nesses temas atrelados a pessoas negras sem incorrer em chavões e determinismos racistas. Também a releitura da história de Bertoleza, personagem de *O Cortiço*, que pode ser vista na peça chamada *Bertoleza*, dirigida por Anderson Claudir, é um exemplo de tratamento desses temas de maneira a superar o lugar-comum reservado às mulheres negras em grande parte das produções culturais brasileiras.

Para o povo da Bahia  
É imensa essa influência  
Que dela jamais esquece  
Por sua resiliência.  
(Arraes, 2020, p. 101)

Nessas três diferentes estrofes, a mulher é então descrita como inspiradora, respectivamente: (i) de maneira mais geral, (ii) para a criação de uma personagem de livro, e (iii) para o povo da Bahia.

Antes de passarmos a uma análise baseada nos elementos da narratividade subjacentes ao nível discursivo desse texto, faz-se importante mencionar que a vinculação de valores euforizados — isto é, valores axiologicamente positivos — não se restringe à figura de Maria Felipa, mas expande-se às mulheres negras de maneira mais geral. O que se tem, pois, é que, embora seja inegável que a /heroicidade/ seja muito marcada em Maria Felipa, a partir dessa vinculação, outras mulheres negras, ainda que anônimas no texto, são enriquecidas com esse traço em diversos momentos, como quando são mencionadas as guerreiras sob a liderança de Felipa, ou mesmo quando a narradora faz um breve balanço a respeito do papel das mulheres negras na história do país:

Na História do Brasil  
As mulheres negras são  
Baluarte e segurança  
Com grandeza e emoção  
Lutadoras dessa terra  
E heroínas da nação.  
(Arraes, 2020, p. 102)

A isotopia figurativa da mulher negra, mesmo quando não tem a ocorrência assentada na figura de Maria Felipa, é atrelada à *isotopia temática da heroicidade*. Ademais, assim como Maria Felipa, essas mulheres cujos nomes não são mencionados e que, portanto, ganham generalidade, são enriquecidas com traços como a /esperteza/ e a /sabedoria/ - lembremos que essas mulheres contribuíram para a execução da armadilha no episódio da sedução dos portugueses. Note-se, aliás, que a *isotopia temática da heroicidade* conjugada à *isotopia figurativa da mulher negra* extrapola mesmo as balizas do cordel analisado e encontra ocorrências ao longo de todo o livro, sendo justamente o que dá coesão ao conjunto dos 15 cordéis que compõem a obra publicada.

Feito o exame dos temas atrelados à Maria Felipa e às mulheres negras de maneira geral, fica patente a sua valorização axiológica positiva e a forma como ela ocorre. Passaremos, em seguida, a uma etapa de análise que se dedicará a tratar de elementos próprios do nível narrativo e que nos ajudará a refletir, dentre outras coisas, sobre a agência dessas mulheres.

#### 4 MULHERES NEGRAS EM BUSCA DE SEU OBJETIVO

Os temas mobilizados no cordel analisado são já indicadores do protagonismo que tem essa mulher negra, assim como o são os títulos do cordel e do livro que ele ajuda a compor. No entanto, tendo em mente que esse protagonismo pode se dar de maneiras diversas, uma investigação mais refinada se mostra relevante para melhor compreendermos o seu caráter. Para proceder a essa análise, mobilizaremos os elementos do nível narrativo que subjaz aos temas e às figuras de que tratamos anteriormente.

Inicialmente, o que nos interessa nessa estrutura narrativa proposta pela Semiótica Discursiva são os actantes do que se chama de enunciado elementar, a saber, *sujeito* e *objeto*. É a relação entre os dois actantes que os define, ou seja, o sujeito só existe enquanto tal em sua relação com o objeto, e vice-versa. Posto de outra forma, o sujeito é aquele que busca entrar em conjunção ou em disjunção com o objeto — o que significa que o sujeito busca unir-se ou afastar-se do objeto —, e o objeto é aquele buscado pelo sujeito ou por ele recusado. Os objetos, é ainda preciso dizer, são uma espécie de receptáculo de valores. Nessa perspectiva, o sujeito busca ou evita o objeto justamente por conta dos valores nele investidos, e, assim, fala-se em objeto de valor ou mesmo em objeto-valor.

Embora seja muito comum que em produções culturais brasileiras as mulheres negras ocupem o papel actancial de objeto, o que notamos no cordel *Maria Felipa* é uma mulher negra cumprindo o papel de sujeito que busca o objeto-valor libertação, a sua e a dos seus. Em diversos casos, em sua busca por alcançar a conjunção pretendida, ou seja, para alcançar essa libertação, Maria Felipa conta com o auxílio de outras mulheres negras que ela lidera e que tornam possível a consecução de objetivos intermediários. É o caso de episódios já comentados por nós, tais como a sedução dos portugueses e seu espancamento com as plantas que provocam queimadura, e a destruição das embarcações inimigas. Em tais situações, essas outras mulheres cumprem a função de adjuvantes – aqueles que ajudam o sujeito a alcançar o seu objetivo. As mulheres negras proporcionam à Felipa o poder-fazer: de fato, sem o auxílio delas, Felipa não seria capaz de seus feitos. Em outro episódio, a heroína conta com a ajuda de mulheres que cumprem, uma vez mais, a função de adjuvante:

Para nesse português  
Ela dar uma lição  
Felipa também contou  
Com a organização  
De mais força feminina  
Que lhe estendeu a mão.  
(Arraes, 2020, p. 100)

Como notamos, Maria Felipa é destacada como a agente principal nessa busca pela libertação, mas conta constantemente com a ajuda de outras mulheres negras que são também agentes, embora com papéis mais discretos, de coadjuvantes, sem que tenham seus nomes mencionados.

Tomemos novamente *O Cortiço* como elemento para cotejo. Notamos que Rita Baiana ocupa papel actancial de objeto em sua relação com o português Jerônimo, quem busca a todo custo a conjunção com a brasileira. Nesse sentido, embora exerça uma atração muito forte sobre o homem, Rita tem papel majoritariamente passivo. Bertoleza, outra personagem de que já falamos e que compõe o romance naturalista, tem a sua trajetória dividida em dois momentos, do ponto de vista actancial. No primeiro, cumpre o papel de adjuvante em relação ao português João Romão: ela proporciona a ele o *poder-fazer*, contribuindo com sua força de trabalho para o enriquecimento do homem. No segundo momento, Bertoleza encontra-se no papel de oponente, actante que é diametralmente oposto ao adjuvante, e que representa um empecilho para a ascensão social de Romão. Do ponto de vista narrativo, portanto, Bertoleza tem certa agência em sua existência, mas com atribuições de coadjuvante, ao passo que Rita Baiana, embora tenha maior protagonismo, cumpre papel mais passivo.

Em uma perspectiva da narratividade, Maria Felipa é facilmente diferenciada das duas personagens de *O Cortiço* porque conjuga protagonismo e agência. Da mesma forma, também as mulheres negras não nomeadas do cordel *Maria Felipa* se diferenciam das personagens do romance, pois, muito embora as mulheres do cordel ocupem a função de adjuvante, como vimos, elas o fazem para proporcionar à Felipa um poder-fazer que auxilia num projeto de libertação que também as contempla, diferentemente de Bertoleza, cujos esforços auxiliam em um enriquecimento de que ela jamais gozará.

No percurso de Maria Felipa, assim como há o auxílio das adjuvantes nessa busca pelo objeto-valor, notam-se actantes que buscam impedir que a mulher chegue a seu objetivo. São os antissujeitos e os oponentes. O antissujeito é aquele que disputa o objeto-valor com o sujeito. Como o cordel que examinamos é formado por relatos de diversos feitos de Felipa, em certos pontos o antissujeito é explicitado, mas em outros, fica implícito. Em um momento, mencionam-se as caravelas inimigas; em outro, são destacados como inimigos os portugueses; e ainda em outro momento, o inimigo é o português Guimarães das Uvas. Como se vê, naquelas vezes em que são mostrados, os inimigos são figurativizados de maneira a conformar um antissujeito geral, os portugueses. Assim, mesmo nos

conflitos em que os inimigos não são mostrados, os portugueses ainda ocupam esse lugar devido às repetidas aparições enquanto antissujeito ao longo do cordel. Quando o inimigo não é explicitado, a ênfase recai sobre a heroína e a batalha, como pode ser visto nas estrofes quinta e décima quinta:

Na ilha de Itaparica  
 No estado da Bahia  
 Ela assumiu o comando  
 Da batalha que zunia  
 Pela então independência  
 Da Bahia onde vivia.  
 [...]  
 Além desses mantimentos  
 Que Felipa garantiu  
 Ela também foi pra guerra  
 Como nunca antes se viu  
 E bastante ativamente  
 Nos conflitos emergiu.  
 (Arraes, 2020, p. 98-100)

Além de notarmos o antissujeito disputando com esse sujeito que tenta a libertação das pessoas negras, outro elemento também destaca o caráter conflituoso da narrativa. Trata-se do oponente, que dificulta o sucesso da empresa de Felipa em busca da libertação. É exemplo disso a pobreza, que impõe à mulher obstáculos que ela supera com muito trabalho. Essa dimensão dos conflitos narrativos é elemento essencial para a construção de Maria Felipa enquanto heroína, pois os obstáculos superados engrandecem seus feitos. Assim, a boa gestão dos poucos recursos no enfrentamento de inimigos muito mais poderosos (não tinha dinheiro ou posses, enquanto os portugueses tinham quarenta ou mais embarcações), bem como o êxito no difícil empreendimento a elevam ao status de heroína.

Enxergamos, nesse caso, os princípios *concessivos* sobrepondo-se aos *implicativos*. De acordo com Zilberberg (2011), a implicação se dá quando uma expectativa gerada no discurso é cumprida, efetivando-se o que era previsível, ao passo que a concessão é notada quando uma expectativa discursivamente gerada é contrariada no próprio discurso. Para melhor compreendermos, podemos nos valer do exemplo didático que proporciona Zilberberg, ao comentar que a implicação pode ser vista em enunciado que diz “ele se afogou *porque* não sabe nadar.”, enquanto a concessividade está presente no enunciado “ele se afogou *embora* soubesse nadar” (2011, p. 99). No caso do cordel em análise, *embora* tudo estivesse contra Felipa, ela triunfa. Esse caráter concessivo, assim como outras características que apontamos mais acima, contribui para que a mulher seja alçada ao papel de heroína: com efeito, não se pode negar que feitos cuja realização é

considerada fácil não costumam resultar na glorificação das pessoas por ele responsáveis.

Nota-se que os elementos da narratividade ajudam a explicar o modo pelo qual o protagonismo de Maria Felipa é construído, reforçando-se o seu caráter heroico. Sua agência, a aquisição de competência por meio de adjuvantes e a superação de um antissujeito poderoso são elementos relevantes nessa construção. Também fica evidente a importância de outras mulheres negras para o sucesso de suas ações. Mostraram-se relevantes tanto os papéis actanciais que subjazem às figuras de Felipa e das outras mulheres negras, como a dimensão polêmica da narrativa. O toque final em sua construção enquanto heroína aparecerá com a sanção que faz a narradora sobre os feitos de Felipa. É disso que trataremos a seguir.

## 5 AS SANÇÕES COMO ESTRATÉGIAS

Nos registros brasileiros  
A injustiça predomina  
E o danado esquecimento  
Na injustiça se culmina  
Pois ainda não se acha  
Tudo o que se examina.

Esquecidas da História  
As mulheres inda estão  
Sendo negras, só piora  
Esse quadro de exclusão  
Sobre elas não se grava  
Nem se faz uma menção.  
(Arraes, 2020, p. 97)

Dessa forma Jarid Arraes inicia o cordel que leva o nome de *Maria Felipa*, sancionando negativamente o fazer de um sujeito coletivo responsável pelos registros da história do Brasil devido ao *esquecimento* das mulheres negras. Essa sanção indica o esquecimento como o grande obstáculo para o reconhecimento da importância das mulheres negras na história do país. Os feitos de Maria Felipa têm pujança tamanha a ponto de fazer com que esse injusto esquecimento seja vencido pelo menos parcialmente, na medida em que a mulher é lembrada por diferentes escritores, como diz Arraes mais adiante:

Ela até por escritores  
Foi em livros registrada  
Xavier Marques foi um  
Que lhe fez então citada  
E também Ubaldo Osório  
Quando da ilha contava.  
(Arraes, 2020, p. 101)

Ser lembrada apesar do esquecimento crônico com relação às mulheres negras é então mais um feito de Felipa, mais uma batalha vencida, se quisermos seguir a isotopia notada no cordel. Como essa batalha é vencida com mais uma aplicação da lógica concessiva, ela é elevada ao nível de façanha. A superação do esquecimento continua sendo abordada nas estrofes que se seguem à mencionada acima:

Há quem diga sem acanho  
Que ela foi inspiração  
Para a Maria da Fé  
Dum livro sobre a nação  
Viva o povo brasileiro  
É sua intitulação.

Heroína negra e forte  
Líder dessa independência  
Para o povo da Bahia  
É imensa essa influência  
Que dela jamais esquece  
Por sua resiliência.  
(Arraes, 2020, p. 101)

Como se nota, Maria Felipa é constantemente sancionada de maneira positiva pela narradora, que lança mão de diversos lexemas com valores positivos. É positivamente sancionada também pelo povo da Bahia, que não se esquece da heroína devido à sua resiliência. A combinação das sanções positivas à heroína com a sanção negativa ao sujeito coletivo responsável pelos registros históricos é mais uma estratégia que destaca a importância de Maria Felipa, aumentando a carga de sua heroicidade e de seu protagonismo, bem como a relevância de sua agência.

## 6 NOTAS FINAIS

No presente artigo, debruçamo-nos sobre o texto *Maria Felipa*, um dos cordéis que compõem o livro de Jarid Arraes (2020). Utilizamos a Semiótica Discursiva como aporte teórico para dar conta de tratar dos temas e das figuras vinculados às mulheres negras no texto analisado, bem como para examinar os aspectos narrativos do cordel, com interesse na agência, na passividade, no protagonismo ou no caráter de coadjuvante dessas mulheres. Também nos detivemos nas sanções percebidas no texto e nos efeitos delas resultantes. Em todos os níveis da análise, notamos o uso de estratégias para construir a heroicidade das mulheres negras no cordel examinado. Assim, Maria Felipa é vinculada a temas e figuras diversos, que engrandecem a sua imagem. Ocupando o papel actancial de sujeito, detém

as características de agência e protagonismo necessárias para ser uma heroína, e é consagrada em tal papel por meio das sanções da narradora. No cordel, também as mulheres negras não nomeadas são enriquecidas com o traço da /heroicidade/, ainda que em menor grau, e embora não sejam protagonistas, são agentes e trabalham para o sucesso de um projeto que as inclui.

Como percebemos, no texto de Arraes, as mulheres negras se diferenciam daquelas de parte das produções culturais do Brasil, onde aparecem estereotipadas. O fato fica evidente quando constatamos que os temas da pobreza, do trabalho e da sensualidade aparecem de maneira pontual em *Maria Felipa* e trabalham para ressaltar a sua heroicidade, principal característica das mulheres negras do cordel. A pluralidade de temas atrelados às mulheres negras no texto de Arraes também as diferencia das mulheres estereotipadas de outros textos. Do ponto de vista narrativo, as diferenças se dão principalmente com a união da agência com o protagonismo notada na figura de Maria Felipa.

Essa conjugação entre agência e protagonismo se mostra relevante para a constituição de uma imagem positiva e pujante, pois um protagonismo sem agência pode simplesmente reforçar uma estrutura em que as mulheres negras são apassivadas, cumprindo papéis objetivos, ao passo que uma agência sem protagonismo pode passar despercebida ou ser considerada irrelevante. Além disso, deve-se ter em mente que os temas e as figuras mobilizados com relação às mulheres negras são bastante pertinentes. Isso porque a combinação da agência com o protagonismo não assegura que se escape da estereotipia, que pode vir à tona por meio da vinculação dessas mulheres a certos temas e figuras que as relegam, por exemplo, a uma hipersexualização ou a uma subserviência. Destoando dos textos utilizados para o cotejo, *Maria Felipa* pode ser caracterizada como uma produção cultural que reúne todas essas características indicadas como relevantes para a constituição de uma imagem positiva das mulheres negras.

## AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 979-985, set./dez. 2008.

ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis**. São Paulo: Seguinte, 2020.

AZEVEDO, Aluísio Tancredo Gonçalves de. **O Cortiço**. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: RIOS, Flávia Rios; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020, p 75-93.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**. Tradução de Haqira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Edusp; Cultrix, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Ignacio Assis da Silva, Maria José Castagnetti Sombra, Tiekoyamaguchi Miyazaki. São Paulo: Contexto, 2016.

LEITE, Ricardo Lopes. Isotopia e metaforização textual. **Gragoatá**, v. 14, n. 26, 1º sem. 2009.

QUEIROZ, Eduardo Prachedes. **A construção de personagens negras em O Cortiço**. 2021. 165f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. A doméstica como síntese do racismo brasileiro: discurso, formas de vida e cultura. **Estudos Semióticos** [online], São Paulo, v. 17, n. 2. p. 219-241, agos. 2021. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse). Acesso em: 18 mar. 2023.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: Dijk, Teun A. V. (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 73-117.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

QUEIROZ, EDUARDO PRACHEDES. A MULHER NEGRA  
HERÓINA – ANÁLISE DO CORDEL *MARIA FELIPA*.  
**ENTREPALAVRAS**, FORTALEZA, v. 13, n. 3, e2716, p.  
213-231, SET.-DEZ./2023. DOI: 10.22168/2237-  
6321-32716